

UM ROMÂNTICO NA CORTE DOS CÉSARES

Paulo Geraldo Bevilacqua*

A criação literária sujeita-se a leis diferentes das normas artísticas. O “presente intemporal”, essencialmente peculiar às letras, mostra que a literatura do passado pode continuar atuante na do presente. (Curtius)

RESUMO

Procuramos mostrar, através de pequenos textos da obra do poeta romano Caius Valerius Catullus, que ele realiza os ideais de um poeta romântico.

PALAVRAS CHAVE: *Romantismo, sentimentalismo, amor, sofrimento.*

ABSTRACT

We intend to show, through small texts written by the roman poet Caius Valerius Catullus, that he fulfills the ideals of a romantic poet.

KEY WORDS: *Romanticism, sentimentalism, love, suffers.*

Bem, não é bem assim, pois o poeta de que falamos, **Caius Valerius Catullus**, nascido em 84 e morto em 54 A.C., passou a maior parte de sua vida sob o governo dos cônsules romanos, entre eles: Cícero, César e Pompeu e durante a ditadura de César, portanto, antes que se iniciasse o período histórico a que se costuma denominar a *Era dos Doze Césares*. É claro, também, que não é verdadeiramente um *romântico*, pois os compêndios de literatura denominam *Romantismo*, o período literário que se seguiu ao *Arcadismo* na década final do século XIX. Então digamos que esses termos, *corte* e *romântico*, foram aqui empregados em **sensu lato**. Já dissemos porque não é propriamente *Corte dos Doze Césares*, vamos procurar justificar o termo *romântico*. Os compêndios de Literatura Latina o denominam *lírico*. Catulo viveu no período *clássico*, *Era de Cícero*. (é a primeira fase do **classicismo romano**; a segunda fase, a do apogeu da Literatura Latina, é a *Era de Augusto*). Mas de *clássico mesmo*, nos “requisitos” que os teóricos exigem para rotular os escritores (predomínio da razão sobre os sentimentos, estilo esmerado (polissez et repolissez) e quejandas, o nosso Caius Valerius Catullus tinha bem pouco. Foi clássico no sentido genérico do termo: *um escritor para ser lido em classe*, assim como muitos outros de todos os períodos literários. O termo *romântico* diz muito mais respeito a ele, pois, foi escritor *romano* e escreveu em *latim*.

Voltemos ao “romantismo” de nosso Catulo que não é o do “movimento literário

*Professor Titular de Língua e Literatura Latina e Filologia Românica da Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta – Jundiá

chamado Romantismo mas o do “estado de alma romântico”. Ensina Domício Proença Filho: “Estado de alma ou temperamento romântico é uma constante universal caracterizada pelo relativismo, pela busca da satisfação na natureza, no regional, no pitoresco, e tendo na imaginação o meio para fugir do mundo, com o qual o eu do artista entra em conflito.

Apóia-se na fé, na liberdade, na emoção. Idealiza a realidade. Assim, mesmo um escritor da *Antigüidade Clássica* (grifo nosso) ou da

Idade Média, ou dos nossos dias, pode apresentar elementos que traduzam o seu *temperamento romântico*.”

São alguns desses *elementos* que queremos apresentar na obra de Caius Valerius Catullus. Seu temperamento romântico aparece, entre outros, no seu refúgio na natureza, no sofrimento pela morte do irmão, na partilha do sofrimento com sua amada, no amor não correspondido (*muito romântico*) na sua sensualidade...

Refugia-se na natureza: Depois de sua viagens e permanência em Roma, onde assiduamente freqüenta os “salões das matronas”, ele se refugia na sua casa, na península de Sirmio, nas bordas do lago Benacus, hoje, lago de Garda e exclama:¹

O quid solutis est beatius curis
Cum mens onus reponit ac peregrino
Labore fessi venimus larem ad nostrum
Desideratoque ae quiescemus lecto?
Salve o venusta Sirmio, atque ero
gaude;
Gaudete vosque, Lydiae lacus undae;
*Ridete, quidquid est domi
cachinnorum!*

Oh! Que coisa é mais agradável para a alma livre de cuidados quando a mente depõe o peso do trabalho peregrino, cansados, chegamos ao nosso lar e descansamos no leito desejado? Salve, ó formosa Sirmio, alegra-te com a trombeta; e vós, ondas do lago de Lídio, alegrai-vos; ride tudo que existe na casa de gargalhadas!

Demonstra sensualidade (com boa dose de humor):

Da mi basia mille, deide centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde
centum,
Dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus invidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.

Dá-me mil beijos, depois cem, em seguida outros mil, depois o segundo cento, depois até outros mil, em seguida cem, e, por último, como tivemos feito muitos mil misturaremos todos eles, para que não saibamos ou para que ninguém mau possa ter inveja, quando saiba quantos beijos tenham sido.

¹ Os textos latinos foram tirados do livro **Les Lettres Latines**, que garante terem sido dos melhores códices (*Le texte a été établi avec le plus grand soin*). A tradução é nossa.

Canta a beleza da mulher amada, idealizando-a:

Quintia formosa est multis, candida, longa,
recta est. Haec ego sic singula confiteor
totum illud “formosa” nego; nam nulla
venustas
Nulla est it tam magno corpore mica
salis,
Lesbia formosa est, quae cum pulcherrima
tota est,
Tum omnibus una omnes subripuit ve-
neres.

Para muitos Quintia é formosa, para mim
é cândida, alta, esguia. Confesso ser
assim estas coisas, uma por uma mas
dizer que tudo aquilo a faz “formosa”, nego
pois não existe em tão magnífico corpo
nenhum encantamento, nenhuma pitada
de sal. Lésbia é formosa então, como é
belíssima totalmente só ela surripou, de
todas, todas as belezas

(Que poeta romântico não gostaria de cantar assim a beleza da mulher amada?)

Compartilha da dor da namorada:

Lugete, o Veneres Cupidinesque,
et quantum est hominum venustiorum,
passer mortuus est meae puellae,
quem plus illa oculis suis amabat;
nam mellitus erat suamque norat
ipsam tam bene quam puella matrem.

Chorai, vós, as Vênus* e os Cupidos, e
tantos quantos homens, servos de
Vênus, o pardal de minha namorada
morreu, o pardal, as delícias de minha
namorada, que ela amava mais que os
próprios olhos, pois era doce (como mel)
e a conhecia como uma criança conhe-
ce a própria mãe.

Canta o amor:

Num longo poema sobre o casamento de Tétis e Peleu (pais do famoso herói da guerra troiana, Aquiles), relata o amor infeliz deles.² Numa digressão, Catullus, como que prenunciando a desgraça do casamento, descreve um rico tapete da leito nupcial cujo bordado representava o drama de Ariadne³

Nessa digressão, Catullus traz as lamentações de Ariadne:

*Vênus, no plural para indicar Vênus e as Graças.

²Nesse casamento receberam de presente dois cavalos imortais que Aquiles cavalgava. Foi, nesse casamento também, que a deusa Discórdia lançou a maçã de ouro que seria oferecida à deusa mais bela o que originou a própria guerra de Troia.

³ *Ariadne foi quem, através de um fio, salvou, do cruel monstro Minotauro, a Teseu que por sua vez a abandonou por Medéia. Tudo muito dramático, muito romântico!*

“Sicine me patriis avectam, perfide, ab aris,
 Perfide, deserto liquisti in litore, Theseu?
 Sicine discedens negleto numine divum
 Immemor a devota domum perjuria portas?
 Nullane res potuit crudelis flectere mentis
 Consilium? Tibi nulla fuit clementia praesto,
 Immite ut nostri vellet miserescere pectus?
 At non haec quondam nobis promissa dedisti
 Voce mihi, non haec misere sperare iubebas...

Por ventura, levada do lar pátrio, pérfido, pérfido, Teseu, não me deixaste na praia deserta? por ventura, afastando-se, esquecido das divindades desprezadas, não levas para casa as injúrias portadoras de maldições? Por ventura nada pôde dobrar o plano de uma mente cruel? Tu não tiveste nenhuma clemência, para que teu coração tivesse misericórdia de nós? E não nos fizeste promessas uma vez, a viva voz para mim, não mandavas esperar estas coisas desvairadamente...

(E continuando lembra a Teseu como ela o salvou e termina:)

Quas ego vae! misera extremis proferre medullis
 Cogor inops, ardens, amenti caeca furore,
 quae quoniam verae nascuntur pectore ab imo,
 vos nolite pati nostrum vanescere luctum,
 Sed quali solam Theseus me mente reliquit,
 Tali mente, deae, funestest seque suosque

As quais (queixas), ai infeliz de mim! Sou impelida, desamparada, ardente, a tirar do último recanto (do coração), cega por um furor insano, as quais, porque, verdadeiras, nasceram do fundo do coração. Mas, ó deusas, não quisestes desfazer nosso luto, mas não só Teseu me deixou só, como também esqueceu a si e aos seus.

Chora pela morte do irmão:

Justifica-se, ao amigo Ortalo, por não ter concluído uma obra encomendada:

Etsi me assiduo confectum cura dolore
Ortalo, um pesar cruel me afasta a mim,
 sevocat a doctis, Ortale, virginibus,
 Nec potis est dulces Musarum expromere fetus,
 Mens animi: tantis fluctuat ipsa malis!
 Namque mei nuper Lethaeo gurgite fratris
 Pallidulum manans alluit unda pedem.
 Numquam ego te, vita frater amabili
 Aspiciam posthac: at certe semper amabo,
 Semper maesta tua carmina morte tegam

destruído por uma dor continua, das sábias Virgens, e não é possível o espírito tirar os doces frutos das Musas: o próprio espírito se afoga em tantos males! Pois, há pouco, a água corrente no Léteo (rio do Inferno) banhou o pé lívido de meu irmão* Nunca mais te verei a ti, meu irmão mais amável que a vida, e certamente sempre te amarei, sempre comporei poemas tristes por causa de tua morte.

Em seguida compara a sua dor à de Filomena, mãe de Itilo que foi morto por Pronea, irmã de Filomena. Condoídos pelos sofrimentos dela, os deuses a transformaram no rouxinol, por isso seu canto é tão triste.

Chora o amor perdido:

Nesse poema ele dialoga consigo:

Si qua recordanti benefacta priora
voluptas
Est homini, cum se cogitat esse pium,
Nec sanctam violasse fidem, nec foedere
in ullo
Divum ad fallendos numine abusum
homines,
Multa parata manent tum in longa aetate,
Catulle,
Ex hoc ingrato gaudia amore tibi.
Nam quaecumque homines bene
Cuiquam aut dicere possunt,
Aut facere, haec a te dictaque factaque
sunt;
Omniaque ingratae perierunt credita
menti,
Quare cur te iam amplius escrucies?
Quin tu animum offirmas atque istinc
teque reducis
Et deis invitis desinis esse miser?
Difficile est longum subito deponere
amorem
Difficile est, verum, hoc qua lubet
efficias,
O dei, si vestrum est mesereri,
Aut si quibus umquam extremam iam
Ipsa in morte tulisti opem,
Me miserum aspicate, et, si vitam puriter
egi,
Eripite hanc pestem perniciemque
mihi...
Ó di, reddite mi hoc pro pietate mea!

Se o homem que recorda os benefícios passados tem algum prazer quando ele pensa que é íntegro, não violou a fé jurada, nem abusado, desonrou nenhuma vontade dos deuses enganando os homens, então, Catulo, numa longa vida, irão ficar para ti muitas alegrias obtidas deste amor ingrato. Pois, todas as coisas que os homens possam dizer ou fazer de bem a alguém foram ditas e feitas por ti e todos os créditos a uma alma ingrata pereceram. Por que tu sofres ainda mais? Por que tu não relaxas o ânimo E, portanto, tu te voltas daqui e, mesmo os deuses não querendo, deixas de ser infeliz? É difícil deixar um longo amor subitamente É difícil, na verdade, que deixes o que agrada. Ó deuses, se é próprio de vós ter misericórdia ou se, já para alguém, alguma vez, na própria morte tiraste o peso olhai-me a mim miserável e se levei a vida com pureza, tirai-me esta peste e desgraça... Ó deuses, devolvei para mim isto (a felicidade) pela minha piedade!⁴

⁴ Provavelmente, São Jerônimo tinha em mente esses versos em que Catulo suplica tão insistentemente aos deuses a sua felicidade para incluí-lo entre os poetas que ele denomina "salmistas" da Literatura Clássica, na introdução que ele faz à sua tradução da Bíblia, a "Vulgata"

Um dístico muito especial de Caius Valerius Catullus:

Não podemos terminar sem mencionar um dístico famoso de Catulo que foi o principal motivo que nos levou a elaborar este trabalho. Empolgamos-nos com estes dois versos pois achamos que eles concentram informações que raramente vemos em tão poucas palavras. O dístico que pode ser considerado um poema elegíaco é este:

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requires,
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.

Odeio e amo. Por que faço isso, talvez perguntes,
Não sei, mas sinto ser assim e sou atormentado atrocemente.

Começemos pelo ritmo:

O dístico elegíaco é composto de um hexâmetro (verso de seis pés)
E de um pentâmetro (verso de cinco pés *)

Os pés desses versos são o **dátilo** (uma sílaba longa e duas breves) e o **espondeu** (duas longas), portanto como num compasso binário, o da marcha; só que aqui, pela cesura e pelos cortes das frases curtas e segmentos de frases, temos um ritmo lento e pesado como uma marcha fúnebre acompanhando a angústia, o sofrimento do poeta.

Ressalta-se a simplicidade da escolha vocabular. As palavras são comuns: odeio, amo, perguntas, não sei, sinto. Talvez a exceção seja **excrucior**, verbo *excrucio*, *are* que quer dizer afligir, atormentar ao qual acrescentamos o advérbio *atrocemente*, por acharmos que no verbo *excrucio*, a raiz *crux, crucis* – cruz, pois não é qualquer sofrimento, tormento, mas um sofrimento de cruz, portanto, muito cruel, atroz.

Toda essa dor é causada por esta **angústia existencial** do homem dividido que o vem acompanhando desde a sua tomada de consciência para saber quem ele é e compreender suas atitudes contraditórias: **ser ou não ser** (Shakespeare); **realmente não consigo entender o que faço; pois não pratico o que quero**, mas **faço o que detesto** (São Paulo) **odeio e amo** (nosso Catulo) e outros tantos.

É, nesse ponto, que Caius Valerius Catullus alcança a **universalidade**, pois exprime um sentimento dos homens de todos os tempos e de todos os lugares.

Também a **ambigüidade** se faz presente neste dístico de Catulo quando, com os verbos transitivos *odiar* e *amar*, ele não coloca nenhum objeto: *quem ele ama e*

odeia? Uma mesma mulher? Odeia a uma e ama a outra? Odeia e ama todo mundo? Ninguém? A ele mesmo?

Nesse texto, como nos anteriores, notamos que as atitudes do poeta está centrada no seu ego: **eu amo, eu odeio, eu soffro...** O **egocentrismo** tão próprio dos românticos.

Creio que a **poesia** (o encantamento, o enlevo) do poema está no impacto que eles nos causa.

Ele ressoa dentro de nós. Deixa de pertencer ao poeta para ser de quem o lê; nos leva a admirar como, com palavras simples, num texto enxuto, ele consegue descrever esta dicotomia que nos angustia, revelando um sentimento próprio da pessoa humana e isto há mais de dois mil anos; bem, bem antes de Yung e Freud. Mais: o poema volta, continuamente, à nossa mente e temos vontade de repeti-lo, fazendo-o nosso:

Eu amo e eu odeio e se me perguntam ou eu me pergunto porque é assim, simplesmente não sei; só sei que isto acontece e com isto eu me angustio, eu soffro como se estivesse numa cruz!

É interessante, também, o fato que ele revela, neste dístico, a atitude literária de quatro estilos de época:

Odeio e amo: idéias antagônicas, antíteses: **barroco**.

Se perguntas a causa: quer saber as causas: atitude racional. filosófica: **renascentismo**

Confesso que não sei: reconhece a realidade do fato: **realismo**

Sinto e soffro atrozmente: **romantismo**.

Por tudo isso, agora, achamos que **Caius Valerius Catullus** é, sem dúvida, um *romântico*⁵ e que não só devia estar na corte dos Césares de Roma mas nas cortes de todos os Césares de todos os tempos e de todos os lugares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURTIUS E. ROBERTS (1996) *Literatura Européia e Idade Média*. S.P. Hucitec.

FERRERO, Guglielmo (1965) *Grandeza e Decadência de Roma*. Porto Alegre. Globo

⁵Não vamos cair na tentação de dizer que Catulo também é um romântico pela coincidência com outros românticos de nossa época: ele morreu jovem (30 anos) e tuberculoso.

- FIRMINO, Nicolau (sd) *Dicionário Latino Português*. S.P. Melhoramentos
- MEUNIER, Mário (1961) *Legenda Dourada (A)*. S.P. Ibrasa.
- MORISSET e THÉVENOT G. (1953) *Les Lettres Latines*. Paris, Éditions Magnard
- NOUGARET L., (1948) *Traité de Métrique Latine Classique*. Paris, C. Klincksieck
- PICHON, René (1847) *Histoire de la Littérature Latine*. Paris, Librairie Hachette
- PROENÇA, Domício F. (1969) *Estilos de Época na Literatura*. S.P. Liceu
- RAVIZZA, Pe. João (1948) *Gramática Latina*. S.P. Salesianas
- SOUSA F. A., (1956) *Novo Dicionário Latino – Português* Porto, Lello e irmão.